

Para João Magalhães

João era pintor e, como pintor, tinha ciência de que a imagem possui um mistério que, por vezes, a palavra tenta desvendar.

Os olhos leem, a palavra cede ao entendimento. A imagem demora e, posteriormente, projeta seu fantasma em nossa memória.

João sabia lidar com o espectro da tradição e o fez. Ligou para ele, convidou-o para um café, contou-lhe uma piada e dele tornou-se seu amigo mais íntimo.

Para o pintor a distância entre a ideia e a materialização, embora complexa, é menos traumática. A coisa mental toma corpo pelo contato das mãos com a matéria e o meio.

As palavras se torcem pelo ar ou, em sucessivas revisões, desaparecem.

João era pintor, pois seus olhos engendraram imagens para a superfície a ser pintada e suas mãos conheciam o árduo caminho para fazer isso.

As pinturas de João são as testemunhas de sua precisão, rigor, concisão e conhecimento da arte e seu fazer. Elas já seriam suficientes para reconhecermos o legado de João Magalhães.

Contudo, João era também professor. Ensinou a cada artista que formou as tortuosas rotas que as ideias devem percorrer e quando (e como) mãos e olhos devem atuar.

A generosidade de João fez com que seu amor pela pintura ocupasse não apenas suas telas, mas também os trabalhos de todas as gerações que passaram por suas aulas.

Isso não é o legado de um artista, mas de um verdadeiro mestre.

São Paulo, 19 de agosto de 2019